
Desenhando uma nova ordem mundial: o poder dos Estados Unidos e as suas representações caricaturais no início do século XX

*Rogério Souza Silva**

Resumo: Este artigo apresentará um conjunto de imagens caricaturais dos Estados Unidos no início do século XX. A sua riqueza, o seu poder militar e a sua capacidade política eram sintetizados na figura do *Tio Sam*. Revistas ilustradas de vários países usaram o humor para entender esse momento. No caso do Brasil, as publicações ilustradas contavam com o talento de grandes artistas como J. Carlos, Kalixto, Raul, Storni, entre outros, que procuraram traduzir esse contexto histórico que consolidava a influência cada vez maior de Washington na arena internacional. Portanto, nesse e em outros temas, as caricaturas se constituem em fontes históricas de grande valor. No caso do presente texto, elas nos darão um olhar muito interessante sobre um processo que marca o mundo até os dias atuais.

Palavras-chave: caricaturas, Tio Sam, Estados Unidos.

Summary: This article will present a set of caricatures of the United States in the beginning of century XX. Its wealth, its military power and its capacity politics were syntheicized in the figure of the *Uncle Sam*. Reviewed illustrated of some countries had used the mood to understand this moment. In the case of Brazil, the illustrated publications counted on the talent of great artists, as: J. Carlos, Kalixto, Raul, Storni, among others, that they had looked for to translate this context historical that consolidated the influence each bigger time of Washington in the international enclosure for bullfighting. Therefore, in this and other subjects the caricatures if constitute in historical sources of great value. In the case of the present text they in will very give an interesting look to them on a process that marks the world until the current days.

Key words: caricatures, Uncle Sam, United States.

* Mestre em História e Cultura pela Universidade Paulista (Unesp). Professor de História da América na Universidade do Estado da Bahia (UnEB). *E-mail:* rogerhist@uol.com.br

Há hoje na Terra dois grandes povos que, partindo de pontos diferentes, parecem avançar rumo ao mesmo objetivo: os russos e os anglo-americanos [...]. O ponto de partida de ambos é diferente, diversos são seus caminhos; no entanto cada um deles parece chamado, por um desígnio secreto da Providência, a ter um dia em suas mãos o destino de metade do mundo. (TOCQUEVILLE, 1998, p. 476-477).

O ridículo não é, como muita gente pensa, uma invenção do artista; ele apenas descobre e traz à tona o lado chistoso da vítima. Por isso mesmo, há pessoas e entidades que se colocam acima de qualquer sátira. (THÉO apud LIMA, IV, 1963, p. 1.401).

America for the americans

As décadas finais do século XIX e as primeiras do XX marcaram, especialmente no mundo do Atlântico Norte, a consolidação de uma sociedade que criou, em massa, um amplo conjunto de tradições (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 271-316): bandeiras, hinos nacionais, cerimônias públicas, cultos a heróis revolucionários, etc. Esse processo, cunhado com o termo *invenção das tradições*, significou uma tentativa de ruptura com os costumes do passado, introduzindo naquelas sociedades hábitos e símbolos que pareciam que desde de sempre estiveram ali. (p. 9-13). Todos esses fatores deram-se num momento de intenso nacionalismo, acompanhados de uma produção industrial que crescia vertiginosamente. Fora do Atlântico Norte, tais processos também podem ser visualizados. Vêm-se bons exemplos disso nas repúblicas da América Espanhola, que emularam muitas das tradições simbólicas européias e norte-americanas; entretanto, não deixaram de criar imagens nacionais com um elevado grau de originalidade. No Brasil imperial e no republicano a invenção de tradições também foi intensa, acompanhando as necessidades de formação de uma auto-imagem que fosse originalmente nativa e que, ao mesmo tempo, mantivesse bastante firme a presença de uma estética européia. (SCHWARCZ, 2003, p. 11-22). Portanto, as elites brasileiras e os setores médios urbanos, em diferentes regiões do País, buscavam esses tipos de referência, consumindo esse mundo que se apresentava como um modelo aos trópicos.

Para Richard M. Morse, desde o século XVIII os ibéricos se transformaram em meros consumidores intelectuais, sem conseguir formular alternativas às linhas de pensamento que se tornavam predominantes. (2000, p. 72). Isso afetaria significativamente a América

Latina no contexto da construção de seus estados nacionais após os processos de independência, havendo uma importação de idéias francesas e britânicas que foram vistas como um *combustível ideológico* para o desenvolvimento, conforme Maria L. Coelho Prado (1999, p. 53-73). No decorrer do século XIX, uma nova força passaria a ter um peso bastante grande nas formulações do pensamento político latino-americano. Ao lado da já tradicional influência franco-britânica, aumentava, naquele momento, a presença dos Estados Unidos como um modelo de nação bem-sucedido e, mais ainda, como um vizinho gigante e com uma enorme sede de hegemonia.

A ascensão estadunidense veio ocorrendo lenta e vigorosamente ao longo do século XIX. Sua força política, econômica e militar deu uma mostra de eficiência no conflito contra o México (1846-1848), esse país perdera o controle do que era, até então, grande parte de seu território. No entanto, foi após o seu sangrento fratricídio (1861-1865) que seu poderio ficou mais evidente. A partir da década seguinte, a sua política externa tornou-se mais agressiva, especialmente na América Central e no Caribe, onde houve, inclusive, um equilíbrio de poder com os britânicos. (SMITH, 2001, p. 612). A rápida vitória na Guerra Hispano-Americana (CAPELATO, 2003, p. 35-58), em 1898, e as condições do Tratado de Paris, no qual a Espanha renunciava a Cuba, Porto Rico, Filipinas e Guam – essas duas últimas no Pacífico –, davam o tom ao início do *longo século XX*. (ARRIGHI, 1994).

O crescimento do poder dos Estados Unidos trouxe inúmeras mudanças na percepção dos pensadores políticos latino-americanos. Muitos viam naquele país uma imagem de sucesso a ser seguida (MARTINS, 1996, p. 82), por isso, tentaram copiar o seu modelo de constituição, a sua estrutura federativa ou mesmo parte de seu nome. Em contrapartida, outros percebiam os profundos abismos históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais que separavam as duas partes do continente. Quanto a esses últimos, vemos diferentes reações intelectuais. Um dos exemplos mais significativos é do literato e revolucionário cubano José Martí, que percebeu o perigo representado pelos Estados Unidos na crescente influência do país na América Latina, notando também a encruzilhada histórica na qual Cuba estava envolvida, pois, ao mesmo tempo em que lutava contra a Espanha pela sua independência, a ilha, em seus presságios, se transformaria num ponto fundamental da dominação continental de Washington. Tudo isso se confirmaria com a Emenda Platt, em 1901. O escritor cubano sempre

analisa as peculiaridades das duas Américas apelando para uma consciência latino-americana. Em um discurso pronunciado num sarau artístico-literário, durante a Conferência Internacional Americana, ocorrida nos Estados Unidos, no ano de 1889, ele afirma:

Mas, por maior que seja essa terra, mesmo que ela permaneça, para os homens livres, a América em que nasceu Lincoln, para nós, no mais íntimo de nosso peito, sem que ninguém ouse acusar-nos nem nos possa levar a mal, é maior a América em que nasceu Juárez, porque é a nossa e por que tem sido mais infeliz. (MARTÍ, 1991, p. 187).

O monarquista Eduardo Prado lançou em 1893 um livro chamado *A ilusão americana*. Nele há uma crítica ao que ele via como a *americanização* da sociedade brasileira. Prado observa que as raízes históricas do País eram muito mais ligadas ao regime monárquico deposto do que ao regime republicano recém-empossado. O autor procura mostrar que os hispano-americanos, ao optar pelo republicanismo, desde o início de suas formações nacionais, entraram rapidamente em decadência. República, em sua visão, era quase um sinônimo de Estados Unidos:

Todos os países espanhóis na América, declarando a sua independência, adotaram as *fórmulas norte-americanas*, isto é, renegaram as tradições da sua raça e da sua história, sacrificando ao princípio insensato do artificialismo político e do exotismo legislativo. (PRADO, 1958, p. 45, grifo nosso).

Outra reação intelectual de grande monta encontra-se nas idéias do uruguaio José Enrique Rodó, na obra *Ariel* (1991), que, em seu enfoque tradicional e conservador, critica as tentativas de muitos latino-americanos em buscar nos Estados Unidos um modelo, referindo-se a essa postura como *nortemanía*. Para ele a sociedade norte-americana tinha como principal característica o *utilitarismo* (ele chega a denominar aquele país de *Sacro Império do Utilitarismo*), por isso, destoava histórica e culturalmente das sociedades da América Latina e da Europa onde, em sua interpretação, existia uma valorização maior das coisas do espírito e da moral.

O senso e a experiência comuns bastariam, por si sós, para estabelecer essa relação simples. Imita-se aquele em cuja superioridade ou prestígio se acredita. É assim que a visão de uma América *deslatinizada* por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo regenerada à imagem e semelhança do arquétipo do Norte, paira sobre os sonhos de muitos sinceros interessados em nosso porvir, inspira o deleite com que eles, a cada passo, formulam os mais sugestivos paralelos e se manifesta por constantes propósitos de inovação e reforma. Temos nossa *nortemania*. É preciso opor-lhe os limites assinalados, de comum acordo, pela razão e pelo sentimento. (RODÓ, 1991, p. 70).

Mesmo dentro dos Estados Unidos existiram vozes preocupadas com o seu novo papel, uma dessas era a do famoso escritor Mark Twain que redigiu vários artigos, proferiu palestras e participou de uma liga anti-imperialista, sendo um crítico severo das intervenções norte-americanas no Haváí, em Cuba, em Porto Rico e nas Filipinas. No entanto, Twain, mais do que se preocupar com esses povos via, no imperialismo norte-americano, um desvirtuamento da natureza republicana e democrática do país. Sobre as conseqüências da Guerra Hispano-Americana e o envolvimento dos Estados Unidos num conflito nas Filipinas, ao tentarem se impor como os novos senhores daquele povo, ocupando o espaço anteriormente desfrutado pelos espanhóis, o autor escreve:

Na minha opinião, devíamos agir como seus protetores – jamais oprimi-los sob nosso tacão. Cabia a nós livrá-los da tirania espanhola, permitir que organizassem seu próprio governo e esperar que ele estivesse pronto para ser avaliado. Não deveria ser um governo ajustado às nossas idéias, mas um governo que representasse os sentimentos da maioria dos filipinos, um governo de acordo com as idéias filipinas. Essa teria sido uma missão digna dos Estados Unidos. Mas agora... Ora, nos enfiamos numa confusão, num lamaçal de onde, a cada passo, torna-se imensamente mais difícil sair. Gostaria muito de nos ver saindo de lá e de tudo o que aquilo significa para nós como nação. (TWIN, 2003, p. 49).

Pode-se até notar nessas distintas idéias, desses diferentes autores, a antecipação de algumas análises que seriam feitas por Antonio Gramsci, na década de 20, em torno da expansão do estilo de vida norte-americano na Itália. (GRAMSCI, 1980, p. 375-413).

Os jornais e as revistas brasileiros do período relatavam constantemente os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais dos Estados Unidos, além de suas ações militares no Exterior. A idéia, então muito em voga de civilização, passava a ter naquele país um modelo a ser considerado e colocado ao lado dos europeus. Os diferentes meios de imprensa da época percebiam esse momento histórico. Notando, inclusive, o padrão bastante contrastante dos norte-americanos em relação aos centenários modelos de dominação de nações como França e Grã-Bretanha.

No mundo moderno, o desenvolvimento da imprensa e a popularização das técnicas artísticas em torno das caricaturas (*charge*, do francês; *cartoon* ou *caricature*, do inglês) proporcionaram um tipo de registro histórico cujo lado burlesco dos acontecimentos era extremamente explorado. Herman Lima, em *História da caricatura no Brasil* (1963), chama a atenção para a importância desse tipo de produção artística e como os historiadores do futuro poderiam ter nelas uma fonte das mais privilegiadas:

O fato de ser a caricatura considerada elemento dos mais importantes para o historiador do futuro, pelo seu próprio caráter de espelho indisfarçado da realidade contemporânea, não precisa mais ser posto em relevo, desde que em todos os tempos, como vimos, se tem recorrido à obra gráfica desses Carlyles e Cantus do lápis, para se apreender o verdadeiro sentido de certos fatos de difícil compreensão para a posteridade. (p. 28).

Aquela passagem de século serviu de palco para a ascensão dos Estados Unidos. A consolidação de sua hegemonia ficou registrada em várias imagens humorísticas. Uma quantidade significativa de publicações ilustradas, de vários países, procurava reinterpretar o personagem que, desde o século anterior, vinha sendo propagado pelos norte-americanos como o símbolo de seu orgulho nacional: o Tio Sam [*Uncle Sam*] em inglês, ou seja U de *United* e Sam de *States America*. Uma das hipóteses mais prováveis sobre tal relação aponta que ela teria sido criada durante a Segunda Guerra de Independência, em 1812. O comerciante Samuel Wilson, um fornecedor de provisões para o Exército, mandava colocar em seus caixotes e fardos, que eram enviados para os quartéis, a sigla *US Army* (Exército dos Estados Unidos). Alguns militares, ao saber a origem de tais provisões, faziam uma relação irônica entre o primeiro nome do fornecedor, Samuel, ou Sam, e as letras iniciais do país (US), criando a

expressão que posteriormente se popularizaria: *Uncle Sam Army* [Exército do Tio Sam]. O tempo fez com que a ironia inicial se transformasse em uma forma de auto-exaltação. O seu conhecido perfil (homem branco, alto, idoso, de barbicha, usando uma cartola e trajando um fraque e uma calça com as cores do pavilhão norte-americano) seria criado no fim da Guerra Civil através do lápis de Thomas Nast, que usou muitos aspectos físicos de Abraham Lincoln para compor o personagem, pois acreditava que ele representava o biotipo de grande parte de seus compatriotas. (p. 9). À medida que o poder exercido pelos Estados Unidos crescia, a imagem do Tio Sam ficava mais conhecida.

Para análise desse processo, as passagens seguintes do artigo estarão divididas em três partes: inicialmente, o Tio Sam será visto por duas publicações de humor européias, sendo uma portuguesa, a *Pimpão*, e a outra italiana, a *L'Asino*. A primeira com um perfil mais chistoso, a outra com um humor de contestação social e extremamente anticlerical. Na parte seguinte, através das revistas ilustradas brasileiras, serão discutidas as caricaturas produzidas em torno do impacto da ascensão dos Estados Unidos e seu novo papel mundial a partir do final da Primeira Guerra Mundial. O presidente Thomas Woodrow Wilson aparecerá, com muita frequência, encarnando o Tio Sam. Por último, essas mesmas revistas ilustradas serviram de fonte para se analisarem as caricaturas produzidas sobre a relação entre as duas Américas.

Rir para não chorar

O periódico lisboeta *Pimpão*, que se classificava como uma “folha humorística ilustrada bissemanal, órgão dissidente de todos os partidos existentes”, tem uma enorme variedade de assuntos em todas as suas edições: moda, política, uma cobertura desordenada do cotidiano português, um olhar para as questões mundiais, tudo isso por um viés humorístico, reforçado pelas suas caricaturas. Em 1898 foi introduzido, em seu conteúdo, a publicação de um conjunto de fotos das partes interiores e exteriores de embarcações espanholas em Cuba, além de tropas de terra e outros aspectos militares, acompanhados do título: *A guerra da Espanha com a América*. Eram aspectos bastante sérios, destoando de seu espírito, pois aquelas imagens fotográficas e suas legendas materializam um momento de mudança histórico crucial naquela região. A Espanha era expulsa, pelos Estados Unidos, de seu último reduto no continente americano. Suas antigas possessões no Caribe e

também no Pacífico passavam a ser zonas de influência estadunidense. Junto com tais fotos, esses números do *Pimpão* trazem caricaturas bastante curiosas: o Tio Sam se deliciava com seu poder nos trópicos e, ao mesmo tempo, intimidava os europeus. Há ainda a aparição do Tio Jonathan (chamado em inglês de *Brother Jonathan*), que foi um outro símbolo norte-americano menos famoso e gradualmente esquecido. Apesar do tom de humor vê-se, nesses desenhos e nas suas legendas, um claro sentimento de decadência de uma velha Europa diante da jovem e poderosa América. É evidente que para os ibéricos esse sentimento era bem mais profundo do que poderia ser para britânicos, franceses e alemães, pois, há bem mais de um século, Portugal e Espanha haviam perdido o brilho. Por isso, o olhar de *Pimpão* torna-se interessante por ser ele permeado por um certo grau de conformismo crítico. Em um de seus exemplares, daquele ano, há uma reflexão (acompanhada de uma ilustração) que tenta mostrar como as formas de dominação na política internacional mudam de nome, mas mantêm o seu grau de crueldade:

Vantagens da civilização:

Nos tempos ominosos do obscurantismo existiam três cruéis tiranos: Espanha, Turquia e Inglaterra.

Que, empunhando três formidáveis golilhas, amarravam pelo pescoço ao poste do cativo três desgraçados escravos – como se fossem três pintassilgos: Cuba, Creta e Irlanda.

Mas vieram os tempos de civilização; e os três tiranos – civilizados até os tutanos – resolveram tirar as golilhas aos desgraçados, substituindo-as por três civilizadas grillhetas, que, dando-lhes a autonomia do pescoço, os deixassem *apenas* presos pelo pé...

E, mercê da civilização, estes passaram de pintassilgos a papagaios... (PIMPÃO, 27 de janeiro de 1898, p. 4).

O triunfo dos Estados Unidos no conflito contra os espanhóis ficou expresso nas caricaturas de *Pimpão*. O grau de crueldade existente em qualquer forma de dominação, como foi colocado acima, fica evidente nos diversos perfis em que a força do Tio Sam, ou do Tio Jonathan, aparecem em todo o seu esplendor nas páginas daquela publicação. Dentre tantas caricaturas, uma que chama muito a atenção mostra o Tio Sam “pescando” belas ninfas, que representam as Filipinas (figura 1). O desenho é assinado por Marinho. A legenda fala sobre as vantagens e as dificuldades (devido aos primeiros sinais de resistência filipina) da intervenção no Pacífico: “Pois senhores! As tais Filipinas são deveras guapas, mas para conseguir pescá-las já me está dando água pela barba... E não tarda que me dê mais acima...”

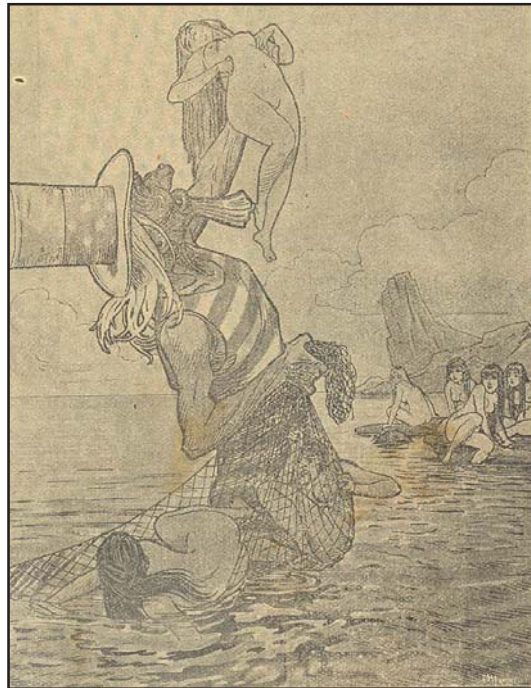


Figura 1: *Os prazeres da conquista.* Caricatura mostra o Tio Sam deleitando-se com ninfas filipinas. *Pimpão*, Lisboa, 7 de julho de 1898, p. 6.

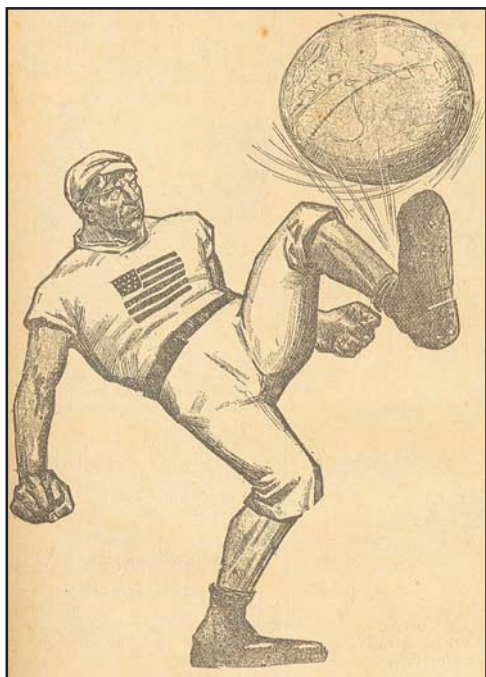


Figura 2: *O jogo do poder*. Após o triunfo na Guerra Hispano-Americana e dos tratados que o favoreceram, o Tio Jonathan faz uma embaixada com o globo terrestre. *Pimpão*, 13 de outubro de 1898, p. 3.

Outro exemplo que pode ser destacado procura representar o Tio Jonathan (figura 2), apresentando-o como um homem caracteristicamente anglo-saxônico e musculoso, trajando roupas típicas de um jogador de futebol daquele tempo e tendo estampado na camisa a bandeira norte-americana (infelizmente não há a identificação do autor). Esse, de maneira arrogante, chuta o globo terrestre demonstrando toda a sua força: “O tio Jonathan entretém-se jogando o *foot ball* com o mundo. A Europa, especialmente, é que lhe serve para alvo dos seus rigorosos pontapés...”

Outra publicação ilustrada europeia, a italiana *L'Asino*, contestadora da ordem social e permeada por um grande anticlericalismo, tem uma significativa quantidade de caricaturas nas quais os políticos mais conservadores da Itália e o papado são seus principais alvos. A qualidade dos desenhos e o humor ácido são suas principais características. Ao folheá-la, vêem-se mais preocupações italianas e europeias ocidentais. Contudo, notam-se representações caricaturais de outros contextos. Por exemplo, nas suas edições entre 1905 e 1906, aparecem vários desenhos denunciando a violência do governo czarista contra os participantes da Revolução de 1905. Como não poderia deixar de escapar à sua linha

editorial, o papado sempre aparece relacionado a tais fatos, pois, em sua visão, a elite italiana e o Papa Pio X temiam que um levante daquele tipo pudesse ocorrer no país.

O crescimento do poder dos Estados Unidos também ficou registrado naquelas páginas. No ano de 1906, em Cuba, Tomás Estrada Palma consegue se reeleger presidente com 71,42% dos votos. A oposição denunciou uma fraude eleitoral, o que provocou diversos conflitos, causando a chamada Guerra de Agosto. Devido aos distúrbios ocorridos na ilha, o governo americano, baseado na Emenda Platt, imediatamente enviou seus *marines*. Esses acontecimentos ficaram bem-expressos numa caricatura, assinada por Rata Lampa, colocada na capa de *L'Asino*, de 14 outubro daquele ano (figura 3). Nela o Tio Sam, com um enorme rosto, aparece com a boca escancarada e com vários pequeninos rebeldes cubanos marchando para o seu interior sobre um sustentáculo, segurado pela sua mão esquerda, onde iam sendo gradualmente engolidos, nisso um deles olha para trás e grita: “Viva a liberdade!” (parte da frase vista na legenda em italiano: *I ribelli cubani: Viva la Libertà!*). A caricatura tem o título de: *Cuba na boca americana*.



Figura 3: *Fome imperialista*. Desenho expõe a ingerência dos EUA na vida política de Cuba. *L'Asino*, 14 de outubro de 1906, p. 1.

Em outra imagem caricatural bastante interessante (também criada por Rata Lampa), o Tio Sam aparece deitado sobre o território norte-americano, cercado de sacos de moedas (figura 4). Enquanto ele descansa tranqüilamente, o Papa Pio X observa a sua riqueza de maneira cobiçosa, pensando que ali o *papa* era outro.

Tio Sam made in Brazil

Desde o Império a imprensa brasileira produziu revistas ilustradas de grande qualidade: *A Vida Fluminense*, *O Mosquito*, *Comédia Social*, *Ba-ta-clan*, a grande *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini, estão entre os títulos de maior destaque daquela época. Nas primeiras décadas da República, houve um crescimento significativo desse tipo de publicação, e muitos são os seus nomes: *O Malho*, *Careta*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana*, entre tantas outras. Apesar de terem suas redações na capital federal, possuíam uma circulação nacional. Por todo o País via-se a criação de outras publicações semelhantes. Recheadas de imagens fotográficas e de desenhos caricaturais, elas proporcionam a construção imagética da história daqueles anos.

Os caricaturistas registraram os principais acontecimentos e personagens da vida nacional e da internacional de então. Em tempos agitados marcados pela Guerra Russo-Japonesa, a Revolução de 1905, a ação das potências européias na África e Ásia, a Revolução Mexicana, e mais tarde, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Bolchevique, talentosos desenhistas, como J. Carlos, Kalixto, Alfredo Storni, Raul Pederneiras e outros, produziram verdadeiras obras de arte. O poderio estadunidense representado, na maior parte das vezes, pela figura do Tio Sam, em determinados momentos mesclado com as imagens de alguns



Figura 4: *O sagrado e o profano*. Com seu característico anticlericalismo, a revista italiana expressa a inveja do Vaticano diante do poder crescente dos norte-americanos. *L'Asino*, 10 de maio de 1908, p. 8.

de seus presidentes (com Thomas Woodrow Wilson, em especial), surgia das mãos desses artistas. Farei uso de algumas dessas contribuições que expõem diferentes perfis dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século.

A percepção de vários caricaturistas brasileiros sobre a ascensão ianque foi semelhante a de muitos pensadores latino-americanos, alguns já citados neste artigo. O ponto central dessa semelhança está na forma de olhar a ação dos norte-americanos como bastante contrastante com a dos europeus, à medida que eles não falavam em nome de um colonialismo propriamente dito, no qual a absorção de terras, além de suas fronteiras, se constituía em sua estratégia principal. Ou seja, ocupar um determinado território, impondo sua autoridade às populações nativas. Algo próximo a isso os Estados Unidos impuseram ao Havaí e a Porto Rico, mas foram exceções. (SMITH, 2001, p. 623). Durante os anos de 1800, muitos americanos viam um mundo onde os europeus consolidavam seus domínios nos continentes africano e asiático. Para muitos deles os Estados Unidos deveriam entrar nessa disputa internacional e ocupar o seu lugar. As regiões caribenha e centro-americana, lugar onde o país já exercia uma grande influência, passaram a ser vistas sob essa ótica. Era necessário que seus recursos fossem usados para manter a estabilidade e a ordem naquele lugar, analisado como sendo sua zona de segurança. Com a vitória na Guerra Hispano-Americana e a conseqüente independência de Cuba, Washington imporia, em 1901, um conjunto de medidas jurídico constitucionais que favoreceriam os seus interesses naquele país, a Emenda Platt. Ela mesclava um grau elevado de dependência econômica e política, limitando, significativamente, a independência da ilha. Cuba foi uma espécie de laboratório para futuras ações imperialistas. (p. 624-625). Surgia, assim, uma forma de dominação nova e bastante diferente daquela que vinha sendo aplicada pelas potências colonialistas da Europa em outros lugares do mundo. O general Leonard Wood, governador militar de Cuba, entre 1899 e 1902, enfatizava a necessidade de os Estados Unidos controlarem a nova nação, devido à sua grande proximidade, estimulando um grau de desenvolvimento que favorecesse os seus interesses. Wood teria sido um dos idealizadores da diplomacia do dólar. Sua política seria um paradigma na maneira como seu país se relacionaria com as repúblicas do Caribe e da América Central nas décadas seguintes.

O papel hegemônico dos Estados Unidos no continente pautou-se num discurso em que não admitia nenhum tipo de intervenção europeia na região. Tal atitude se fortalecia com fatos como o bloqueio

naval da Inglaterra, Itália e Alemanha contra a Venezuela, ocorrido entre 9 de dezembro de 1902 e 13 de fevereiro de 1903, com o objetivo de cobrar uma dívida não quitada. A visão dos latino-americanos como “arruaceiros” (nas palavras do então primeiro-ministro britânico Arthur Balfour) fortalecia a idéia da necessidade de os Estados Unidos serem os futuros tutores da região. Na ocasião da bancarrota da República Dominicana, ocorrida em 1904, o presidente Theodore Roosevelt pôde expor a sua doutrina de intervenção preventiva que ficaria conhecida como *Corolário de Roosevelt para a doutrina de Monroe*:

Qualquer país cujo o povo se conduz bem por si próprio pode contar com a nossa amizade sincera. Se uma nação demonstra que conhece como agir com eficiência racional e decência nos assuntos sociais e políticos, se ela conserva a ordem e resgata suas obrigações, não necessita temer nenhuma interferência dos Estados Unidos. A atitude crônica do “fazer mal”, ou uma ineficácia que resulta num afrouxamento geral dos laços da sociedade civilizada, tem na América, como em outra parte, exigido ultimamente a intervenção por alguma nação civilizada, e no Hemisfério Ocidental a adesão dos Estados Unidos à Doutrina de Monroe pode forçar os Estados Unidos, embora com relutância, em casos flagrantes daquela atitude ou ineficácia, para o exercício de *poder policial internacional*. (ROOSEVELT apud MORRIS, 1953, p. 184-185, grifos nossos).

Os princípios do *Corolário Roosevelt* passariam por uma mudança no governo de seu sucessor, William Howard Taft. Ele, ao anunciar sua política no hemisfério, fez referência à substituição das “balas pelos dólares”. (SMITH, 2001, p. 630). Na visão da nova administração, era necessário priorizar o estímulo à estabilidade econômica, como um fator fundamental para a garantia dos interesses norte-americanos. Em 1913 a chegada de Thomas Woodrow Wilson à presidência marcaria, na política exterior daquele país, uma estratégia que mesclava traços das duas administrações anteriores. O novo presidente acreditava piamente na missão civilizadora dos Estados Unidos, tanto no continente quanto no mundo. Para exercer esse papel, era necessário transmitir valores, disse ele: “*Vou ensinar as repúblicas sul-americanas a eleger homens bons*” (p. 636), ajudar financeiramente e, como ocorreu de maneira sem precedentes, o uso da força por meio de intervenções militares. (p. 636). Foi também durante essa administração que se deu o envolvimento dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial. A chegada de suas tropas, em 1918, foi importantíssima para a vitória da Tríplice Entente.

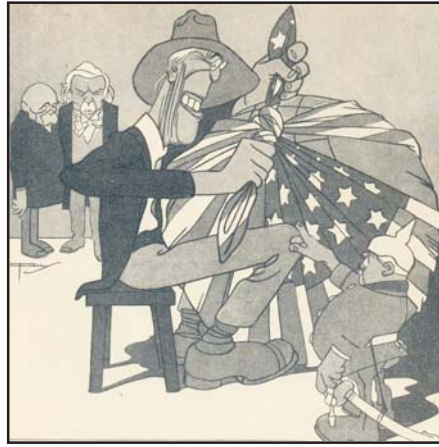
A imagem dos Estados Unidos, através do Tio Sam, representando um poder hegemônico, aparece em inúmeras caricaturas de artistas brasileiros. A Grande Guerra destruiu uma era de certezas e abriu um novo capítulo histórico, já que a Europa ia deixando de ser a atriz principal. Nas expressões caricaturais do período, o Tio Sam, ou Thomas Woodrow Wilson vestido de Tio Sam, aparece doutrinando e impondo o seu jogo à Europa, especialmente para a derrotada Alemanha. Numa delas (figura 5), Wilson, trajando um fraque estampado com várias estrelas, aponta, autoritariamente, o dedo para o *Kaiser* Guilherme II, esse com a cabeça humildemente abaixada; ao fundo vê-se o Capitólio, sede do Legislativo norte-americano. O trabalho é da autoria de Kalixto, cujo título é *A voz do Capitólio*. Em *História da caricatura no Brasil*, as criações desse desenhista são destacadas pela valorização dos movimentos, dos cenários e das legendas curtas, onde, em muitos momentos, os trocadilhos fazem-se presentes. (LIMA, p. 1.028-1.029), o Kaiser diz: “Paz!”, e Wilson responde: “Pois não! Primeiro “capítulo”: Capitulação.”

O lápis do caricaturista J. Carlos produziu obras de humor visual de grande profundidade sobre o papel dos Estados Unidos daquele momento em diante. Em uma caricatura, com o título *O ovo de Colombo* (figura 6), Wilson aparece em formato gigantesco enrolando o globo terrestre com a bandeira norte-americana, enquanto trava um breve diálogo com o Kaiser, retratado como um anão. Ao fundo os primeiros-ministros da França e da Grã-Bretanha, respectivamente, Georges Clemenceau e Lloyd George, apenas observam quando o alemão fala: “Era isso mesmo que nós pretendíamos fazer.” E Wilson retruca: “Mas não fizeram.”



Figura 5: *O poder de Wilson diante de Guilherme II.* Os EUA, representados por um Wilson vestido a caráter, dá as ordens à Alemanha. D. Quixote, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1918. Apud LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p. 358. v. 1.

Figura 6: *O mundo é meu.* A caricatura mostra os EUA tomando o mundo para si diante dos perplexos europeus. *Careta*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1919. Apud LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. p. 363. v. 1.



Em outra caricatura sobre os Estados Unidos (figura 7) J. Carlos, dessa vez em *O Malho*, faz uma referência à ajuda humanitária que aquele país dera aos alemães após o fim do conflito. O desenho mostra o presidente Wilson, com um chapéu de escoteiro e roupas com as cores da bandeira norte-americana, oferecendo um pão, retirado de uma cesta, para o faminto e esfarrapado Guilherme II. A legenda e o desenho são mordazes: “*O inimigo da humanidade e a humanidade do inimigo.*” O autor quis passar uma idéia de hipocrisia das políticas estadunidenses. Para isso J. Carlos escreveu “Inimigo da humanidade”, que era a expressão empregada (também no plural) pela imprensa internacional pró-Tríplice Entente para se referir aos alemães.



Figura 7: *Consolando o derrotado.* Mais uma vez o presidente norte-americano e o Imperador alemão contracenam. O primeiro como um solidário escoteiro, o outro como um faminto e esfarrapado monarca. *O Malho*, Rio de Janeiro, 22 de março de 1919, p. 23.

Alfredo Storni produziu um desenho magistral no qual o Tio Sam aparece semeando soldados na Europa, em 1918 (figura 8). Era o momento em que as tropas americanas intervinham na confrontação européia. Em 2 de abril do ano anterior, Thomas Woodrow Wilson, em sua mensagem de guerra, procura construir uma imagem de desumanidade do governo alemão, os *inimigos da humanidade*: “A presente guerra submarina da Alemanha contra o tráfico comercial é uma batalha contra o gênero humano.” (Apud MORRIS, 1953, p. 189).

Wilson sempre enfatiza que a intervenção norte-americana é baseada em princípios e não em interesses materiais, e a imagem da democracia é contrastada com a do autoritarismo da nobreza germânica, por isso, nos Estados Unidos, a opinião pública tinha um papel central e estava a par dos acontecimentos, enquanto do outro lado, o povo não teve “prévio conhecimento ou aprovação”. (p. 191). Por tudo isso, seria necessário sacrificar a paz para alcançar o direito:

A tal tarefa devemos dedicar nossas vidas e nossos bens, tudo o que somos e tudo o que possuímos, com o orgulho dos que sabem que o dia chegou em que a América tem o privilégio de derramar o seu sangue e usar seu poder em favor dos princípios que a fizeram nascer, e a felicidade e a paz que ela tem amealhado. Deus a ajudando, ela não poderá cumprir senão esses princípios. (MORRIS, 1993, p. 193).

Tem-se a impressão que grande parte desse discurso idealista e altruísta de Thomas Woodrow Wilson foi absorvido na capa de *O Malho*, onde aparece o desenho de Storni. As legendas são ainda mais reveladoras:

Eis aí como Tio Sam comemorou este ano a sua gloriosa independência: semeando aos milhares, na velha Europa conflagrada e exausta, a nova semente da Democracia americana, os seus valentes e robustos “sammies”.
E o Brasil o saúda com o maior entusiasmo!



Figura 8: *Sementes yankees*. O Tio Sam semeando seus princípios na Europa. *O Malho*, 6 de julho de 1918. Apud LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 370. v. 1.

Se compararmos o desenho de Alfredo Storni com os exemplos anteriormente apresentados, pode-se ver, num primeiro olhar, uma exaltação desse artista pela ação norte-americana. Os outros caricaturistas procuram fazer uma crítica dupla ao Império Germânico e ao dos Estados Unidos, demonstrando um estranhamento em relação aos primeiros sinais desse novo ciclo de dominação global e, ao mesmo tempo, desprezando as ambições do *Kaiser*. Essa caricatura pode ser considerada laudatória. Outra leitura possível é que Storni tenha expressado, exageradamente, um momento de entusiasmo quase geral entre uma parte significativa da elite letrada do país que, durante o conflito, manifestou uma grande simpatia pela Tríplice Entente, lado onde estava a França, representando o tradicional afrancesamento desse setor da sociedade. Portanto, Storni, por baixo de um *spirit yankee* manteria a presença (ou permanência) de um *esprit française*. Um detalhe importante da caricatura é que na cartola do Tio Sam estão colocadas a bandeira do Brasil e a de outros três países latino-americanos.

O Tio e seus sobrinhos

O livro *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*, de Moniz Bandeira, mostra as minúcias das relações entre os dois países. Segundo o autor, desde a independência brasileira moldou-se uma convivência continental com os norte-americanos marcada pela inspiração de idéias liberais vindas de lá, momentos de rivalidade, tratados

comerciais, além de uma relevante influência cultural que o Brasil experimentaria ao longo do século XX. Especificamente nesse contexto, há valiosas contribuições caricaturais que mostram um gigante emanando o seu poder e demarcando o seu território. Como já foi colocado, se o poder ianque perturbava pensadores como José Martí, Eduardo Prado, José Enrique Rodó, artistas como J. Carlos, Raul, Kalixto e outros também tiveram a preocupação de refletir essa situação tendo, no entanto, o humor como o seu recurso. Diante daquele estado de coisas restava olhar para cima e ter a coragem de admitir os avanços materiais conquistados pelos Estados Unidos aceitando, diante disso, a posição pouco vantajosa da América Latina e ver um presente onde os europeus iam perdendo espaço. Conseqüentemente, como muitas vezes ocorre na produção humorística dentro de uma sociedade, aqueles que estão submetidos a um determinado poder têm, no recurso da troça à autoridade, uma arma. Nesse caso, essa postura era levada às relações internacionais, e a comunidade das nações substituía a sociedade.

A imagem da autoridade dos Estados Unidos ficaria marcada em várias dessas produções. Nada melhor para representar a imagem autoritária do que um doutrinador, um tutor ou um professor. Isso foi notado por Kalixto em uma caricatura feita para *O Malho*, em 1916 (figura 9). Nela aparece o Tio Sam em uma sala de aula tendo ao fundo um quadro negro, ao lado dele, em tamanho bem menor, está o então presidente do Brasil Venceslau Braz, que o apoia; sentados, disciplinadamente, estão outras nações latino-americanas. No lado esquerdo do desenho, posiciona-se o personagem Zé Povo, que aparece em várias revistas ilustradas daquele tempo. O título da caricatura é *Aula Pan-americana*, a sua legenda diz:

Tio Sam (professor) – Vosmecês não ter nada que mete nariz nos coisas do Eurropa! Vosmecê trata sòmente de cultiva seu força e seu amizade e de faz negócios... só comigo!

Venceslau (Presidente da República) – Entenderam? São palavras de um velho muito sabido... Mais ou menos isto: Para evitar “entrogas”, cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos... E, quanto a negócios, a América para os americanos... do Norte!

Zé Povo – Confere! E agora só falta uma coisa: escolhermos o molho com que devemos ser comidos...

Essa caricatura pode ser contextualizada no momento intermediário entre a postura de neutralidade do Brasil diante do conflito europeu e a

declaração de guerra à Tríplice Aliança, ocorrida em junho de 1917. O governo de Wenceslau Braz seguia muitas das orientações da política externa de Washington, estando na linha de frente dos países latino-americanos. Kalixto conseguiu reproduzir isso com grande maestria.

Segundo Moniz Bandeira,

a declaração de guerra contra a Alemanha, pelo Governo de Wenceslau Braz, não obedeceu a nenhum objetivo propriamente nacional. É verdade que, com a *internacionalização crescente dos interesses nacionais*, na expressão de Rui Barbosa, o Brasil não podia permanecer indiferente ao conflito, mas a partilha do mundo, móvel dos blocos beligerantes, estava muito além de suas possibilidades econômicas e militares. Só lhe restava, portanto, a alternativa de desempenhar o papel de pajem do imperialismo norte-americano. O abandono da neutralidade pelo Brasil, em junho de 1917, visou a facilitar a franca utilização dos seus portos pela esquadra dos Estados Unidos. (1973, p. 198).



Figura 9: *Teacher Sam.* Tio Sam, professoralmente, dita a sua lição para seus alunos latino-americanos. Ao seu lado, Wenceslau Braz procura ajudar na explicação. Todos eles observados pelo Zé Povo. *O Malho*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1916. Apud LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil.* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. p. 257. v. 1.

Como já deve ter ficado claro, o Tio Sam, independentemente de seu perfil, era sinônimo de poder. As suas constantes intervenções militares e a sua influência política e econômica fortaleceram essa percepção. No governo de Thomas Woodrow Wilson, o envolvimento militar dos Estados Unidos na região caribenha e centro-americana foi o maior até então. Haiti, República Dominicana, Nicarágua e o porto de Vera Cruz no México, em 1914, revelam bem a ação da doutrina wilsoniana. Todos esses fatos foram retratados em uma caricatura na capa da revista *Careta* de outubro de 1915 (figura 10), de autoria de J. Carlos. Nela, o rosto do Tio Sam, com a sua tradicional cartola e sua barbicha, aparece no corpo de um galo saindo de um ovo gigantesco, ilustrado com a bandeira de seu país. Ao seu redor, vários pintinhos, esses saindo de pequenos ovos, onde se vê a bandeira de vários países latino-americanos. A legenda afirma: “Do famoso ovo de Colombo nasceu apenas um galo capão.”

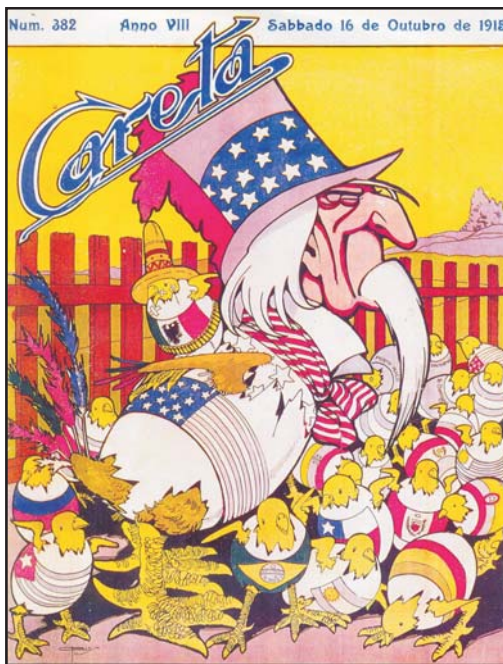


Figura 10: *Desequilíbrio de poder.* O galo capão impõem-se diante dos pintinhos. *Careta*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1915, p. 1.

Em 1913, o México estava convulsionado devido ao golpe militar de Victoriano Huerta (que ocasionou a morte de Francisco Madeiro) e ao retorno à guerra civil. No mesmo ano, em 5 de novembro de 1913, Thomas Woodrow Wilson era eleito presidente e propunha, na sua política exterior, pacificação do país vizinho. É importante ressaltar que a Revolução Mexicana aparecia constantemente nos jornais e nas revistas ilustradas brasileiras. Nessas as imagens fotográficas dos grupos beligerantes também se faziam presentes além, é claro, das ilustrações caricaturais dos mesmos. Outro dado importante era a própria ação da política externa dos países latino-americanos, pois, em 1914, em *Niagara Falls*, foi instalada a conferência denominada *ABC*, pois era composta por Argentina, Brasil e Chile, que junto com representantes do México e com o patrocínio norte-americano, tentavam negociar a paz. (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 66). Há dois ótimos exemplos de caricaturas que mostram as relações complexas entre México e Estados Unidos. Elas foram produzidas por Kalixto e por Raul. O que sempre se percebe na construção dessas imagens é o desequilíbrio entre o *gigante* e o *anão*.

Na primeira delas, Kalixto cria, em 1913, na revista *Fon-Fon*, um desenho no qual o pequenino México, representado por um homem com roupas típicas, olha em tom desafiador para as pernas do Tio Sam, o título é: *Ranzinza* (figura 11). Na legenda há um trocadilho bastante curioso: “*Davi e Golias ou um pequenino que mexic’o grande Estado.*” Seis anos mais tarde, na *Revista da Semana*, Raul faria um desenho parecido mostrando um mexicano minúsculo como uma pedra no sapato do Tio Sam (figura 12).

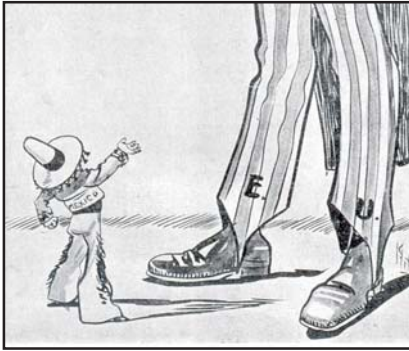


Figura 11: “Tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos”. Num duelo entre desiguais, um mexicanozinho olha as pernas do Tio Sam. *Fon-Fon!*, 6 de dezembro de 1913. p. 8.



Figura 12: *Briga de vizinhos*. Pequeno mexicano aparece como uma “pedra no sapato” do Tio Sam. *Revista da Semana*, 13 de dezembro de 1919, p. 17.

A idéia de uma comunidade de países americanos, o pan-americanismo e os Estados Unidos, como um representante dos interesses de seus co-irmãos, foram constantemente ironizados. Um bom exemplo aparece em uma capa de *O Malho* de 1926, desenhada por J. Carlos (figura 13), onde o dedicado *tio* iria à Conferência Preliminar de Desarmamento da Liga das Nações pensando também nos interesses de seus pequenos *sobrinhos*: “*Sim, bater-me-ei com todo ardor pelos outros, esquecido de mim próprio.*”

As representações caricaturais são um texto. Elas procuram expressar como um determinado contexto é percebido por uma sociedade (ou por um setor desta). Elas se posicionam politicamente, expressam preconceitos e partidarismos. Tudo isso tendo o humor como um recurso. No caso das representações mostradas neste artigo, vemos que os Estados Unidos, no início do século XX, são apresentados como o país do momento. Os europeus e os latino-americanos percebem isso. Em todas as caricaturas, sejam favoráveis ou contrárias, poder, riqueza, guerra, ou, numa palavra, hegemonia, são colocados para representá-lo. Deve-se observar que essa é a imagem que os Estados Unidos propagandeiam de



Figura 13: *Bom samaritano.* Caricatura ironiza o pan-americanismo enfatizando o desequilíbrio de interesses entre os EUA e seus parceiros ao sul do Rio Grande do Sul. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1926, p. 1.

si mesmos e, ao mesmo tempo, no caso brasileiro, é um reflexo da sua auto-imagem. Enquanto o Tio Sam nos Estados Unidos foi colocado como um motivo de orgulho nacional, o Brasil teve dificuldades de firmar um desenho-símbolo, de ver a sua própria face. (SALIBA, 2002, p. 125). Durante o Império o índio romantizado foi colocado como símbolo da nacionalidade. Na República o índio foi descartado e procurou-se adaptar os referenciais da Revolução Francesa como novos símbolos do País. Anos depois, com as decepções com a República, esses símbolos sofreram desgastes. Nas revistas ilustradas de humor quando se queria representar o Brasil ou o povo brasileiro apelava-se sempre para o personagem *Zé Povo*, que aparece em várias publicações desse tipo na época (A figura do Jeca, inspirada na obra de Monteiro Lobato, também foi muito usada, especialmente nos anos 20). É provável que o personagem seja inspirado no *Zé Povinho*, criado pelo português Bordalo Pinheiro. O *Zé Povo* aparecia em diferentes formatos, com tipos étnicos variados, geralmente um homem aparentando pobreza, sempre dialogando com alguma autoridade, em algumas situações levando vantagem, na maior parte do tempo sendo enganado pelos mais poderosos, às vezes, fazendo observações críticas. Em suma, tal personagem era uma representação da forma como parte das elites e dos setores médios via os destinos que a nação vinha traçando. Portanto, a



Figura 14: *Amigo americano 1.* Alfredo Storni retrata a visita oficial aos EUA do candidato vitorioso nas eleições de 1930, Júlio Prestes. *Careta*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1930. p. 1.

imagem de gigantismo dos Estados Unidos não foi apenas fruto de uma imposição, mas também um reflexo da forma como os setores mais letrados do País percebiam a inserção brasileira e a latino-americana no mundo.

Para encerrar, seria interessante analisar duas imagens caricaturais produzidas por Alfredo Storni, para a capa de *Careta*. Na primeira (figura 14), aparece o presidente Herbert Hoover, trajado à Tio Sam, em Nova Iorque, recebendo o presidente eleito do Brasil, nas eleições de 1930, Júlio Prestes. Sentado sobre as malas está um personagem denominado Jeca da Comitativa, que faz o seguinte comentário ao ver o abraço de Hoover em Prestes (retratado como um Tio Sam verde-amarelo): “Cuidado patrício com a efusividade desses abraços! Olha os juros...” Essa frase pode ser interpretada como uma clara crítica aos empréstimos feitos no passado pelo País e às possibilidades de aquisição de outros nos centros do capitalismo internacionais, tendo como perigo as constantes cargas de juros.

A outra caricatura (figura 15), elaborada cinco meses depois, mostra o cenário político posterior à Revolução de 1930, no qual Getúlio Vargas era o chefe do Governo Provisório. Washington Luís havia sido deposto, Júlio Prestes, impedido de tomar posse, e Vargas era o novo mandatário, porém o Tio Sam continuava ali. Storni procurou retratar o reconhecimento diplomático do novo governo pelos Estados Unidos, ocorrido em 8 de novembro daquele ano. (BANDEIRA, 1993, p. 226).



Figura 15: *Amigo americano 2*. Outra caricatura de Alfredo Storni onde o Tio Sam é retratado. Dessa vez Getúlio Vargas cumprimenta o americano. *Careta*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1930. p. 15.

Ainda há, na primeira caricatura, um importante detalhe a ser observado. No momento da visita de Júlio Prestes, Monteiro Lobato era Adido Comercial do Brasil em Nova Iorque. Como privilégio de seu cargo ele pôde acompanhar a comitiva brasileira a Washington e participar de um banquete oferecido pelo presidente Hoover. O autor, em 1932, lançaria o livro *América*, no qual expressaria diversas impressões positivas sobre o desenvolvimento norte-americano. No prefácio ele chama a atenção para a diferença dos Estados Unidos em relação ao resto do mundo e a dificuldade de compreendê-los, pois, em sua visão, aquele país estava muito à frente:

A incompreensão do fenômeno americano pode filiar-se à natural incompreensão que o carro de trás sempre há de ter da locomotiva. Há muito pouco “Hoje” no mundo. Na própria Europa o “Ontem” ainda atravanca a mor parte dos países. Naturalíssima, pois, a geral incompreensão relativa ao único povo onde o “Amanhã” da humanidade já vai adiantado”. (LOBATO, 1951, p. 5).

Apesar de não desfrutar do mesmo entusiasmo de Monteiro Lobato pelos Estados Unidos, vejo, como necessário, entender a excepcionalidade daquela nação, seja para combatê-la, amá-la ou representá-la.

Fontes

- Careta*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1915, ano VII, n. 382.
Careta, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1930, ano XXII, n. 1146.
Fon-Fon!, Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1913, ano VII, n. 49.
L' Asino, Roma, 14 de outubro de 1906, ano XV, n. 41.
L' Asino, Roma, 10 de maio de 1908, ano XVII, n. 19.
O Malho, Rio de Janeiro, 22 de março de 1919, ano XVIII, n. 862.
O Malho, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1926, ano XXV, n. 1.218.
Pimpão, Lisboa, 27 de janeiro de 1898, ano 23, n. 1.431.
Pimpão, Lisboa, 7 de julho de 1898, ano 23, n. 1.477.
Pimpão, Lisboa, 13 de outubro de 1898, ano 23, n. 1.505.
Revista da Semana, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1919, ano XX, n. 45.

Referências

- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e origens do nosso tempo*. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: Unesp, 1996.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. (Coleção Retratos do Brasil, v. 87).
- SMITH, Robert Freeman. Os Estados Unidos e a América Latina – 1830-1930. In: BETHHELL, Leslie. *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Trad. de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001.
- CAMIN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea – 1910-1989*. Trad. de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Edusp, 2000.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A data-símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e na Hispanoamérica*. *História*, São Paulo, v. 22, n. 2, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 8. ed. Trad. de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico, v. 55).
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1.
- _____. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 3.
- _____. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 6.
- LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- MARTÍ, José. *Nossa América*. Trad. de Maria Angélica de Almeida Trajber. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: 1897-1914*. 2. ed. São Paulo: Quereiroz, 1996. v. 5.
- MORRIS, Richard B. *Documentos básicos da história dos EUA*. São Paulo: Fundo de Cultura, 1953.
- MORSE, Richard M. *O espelho de próspero: cultura e idéias nas Américas*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PRADO, Eduardo. *A ilusão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- PRADO, Lúgia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp, Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999. (Coleção Ensaio Latino-Americanos).
- RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Trad. de Denise Bottmann. Campinas: Unicamp, 1991.
- SALIBA, Elias Thomé. *Ratzes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes: de certas leis e certos costumes políticos que foram sugeridos aos americanos por seu estado democrático*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TWAIN, Mark. *Patriotas e traidores: antiimperialismo, política e crítica social*. Trad. de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.